

3

Pavimentando o caminho: o contexto

Because it is we practioners (teachers AND learners) who need understandings of what is happening now

(Allwright, 2003)

Este capítulo é dedicado a situar o contexto no qual se desenvolveu a pesquisa. A este respeito, como evidencio no capítulo 2, eu me propus a fazer uma pesquisa em sala de aula, naturalista, do praticante, seguindo os princípios da Prática Exploratória. Baseada nesta proposta de pesquisa, entendo que os dados analisados no próximo capítulo são sócio-historicamente situados. Desta maneira, a instituição de ensino, os participantes e o material didático são fatores importantes para o entendimento dos dados. Abordo também em detalhes o surgimento dos *puzzles* em que me baseio para a realização desta pesquisa.

3.1

A instituição de ensino

A presente pesquisa foi realizada por mim, assumindo a identidade de professora-pesquisadora-reflexiva, em uma escola particular, na zona sul do Rio de Janeiro, no ano de 2009. No Brasil, até a data da realização das pesquisas, as escolas particulares estão associadas, em geral, a idéia de que o ensino oferecido por elas é melhor do que o oferecido pelas instituições públicas de ensino. Falando especificamente sobre o Rio de Janeiro, os bairros localizados na Zona Sul da cidade concentram a população de maior poder aquisitivo do estado. Esta instituição é freqüentada por alunos de classe-média e classe-média alta, com acesso a variados meios de comunicação, entretenimento e cultura.

No Brasil, também é comum associar o ensino de línguas em escolas, particulares e públicas, à falta de qualidade. Desta maneira, muitos alunos com uma boa situação econômica procuram cursos livres de língua. O caso desta escola é um pouco diferente, pois apesar de haver muitos alunos que estudam em cursos de inglês, há também um bom número que nunca estudou, ou o fizeram por pouco tempo, nestas instituições.

Isto acontece, principalmente, porque o ensino de inglês é valorizado nesta escola. Durante os primeiros ciclos (Infantil, Fundamental I e II), por exemplo, há uma carga horária de 5 tempos de 45 minutos cada dedicados à disciplina. Esta carga está bem acima da média da maioria das escolas, privadas ou públicas, que oferecem em torno de 2 tempos semanais. Quando os alunos ingressam no ensino médio, esta carga é reduzida para a média das outras escolas (2 tempos). A entrada de alunos novos e/ou saída de alunos para outras instituições entre mudanças de série não é numericamente significativa. Assim, o grupo de alunos tende a permanecer o mesmo até o final do ciclo escolar.

Há de se ressaltar também que tanto para o ensino fundamental quanto para o ensino médio, há coordenações específicas para o inglês. Nós, professores, nos reunimos semanalmente com estas coordenações e planejamos vários projetos para desenvolvermos com as turmas durante o ano letivo. Os alunos também são incentivados a participarem de programas de estudo em países que tenham o inglês como língua materna. Muitos participam destes programas e passam em torno de 4 semanas fora (durante as férias de julho ou janeiro).

Outro diferencial desta instituição é que os alunos também são preparados e encorajados a fazerem os exames de certificação internacional oferecidos pela universidade de Cambridge.

A organização das turmas no ensino médio também segue um padrão diferente do de outras escolas. Os alunos são alocados de acordo com um *ranking* de notas. Os alunos com as melhores médias formam, no caso do segundo ano do ensino médio, a turma 21. Os alunos com notas intermediárias formam a turma 22 e os alunos com as médias mais baixas, a turma 23.

Os melhores alunos em inglês, independentemente de que turma façam parte, são convidados a formarem um grupo especial preparatório para a realização do exame de nível avançado de Cambridge (CAE). Durante as aulas de inglês (que sempre acontecem no mesmo horário nas três turmas), estes alunos se retiram e vão para uma outra sala fazerem este curso.

3.2

Os alunos

A minha turma (o grupo 22) era composta por 18 alunos. Todos os alunos já haviam estudados juntos em anos anteriores e se conheciam bem. Apesar de eu não ter feito nenhuma pesquisa sobre quem estudava inglês em curso livre, percebe-se na APPE 2 que muitos não o faziam. Um total de 13 alunos deste grupo já haviam estudado comigo na série anterior.

Apesar de ser um grupo relativamente pequeno para o padrão de escolas (geralmente as turmas têm até mais que 25 alunos), eles eram bastante falantes e agitados e muitos apresentavam dificuldades em aprender o idioma.

Segue abaixo uma breve descrição dos alunos.

Yasmin e Alan são os líderes do grupo. Ambos são sociáveis e extrovertidos. Os dois também são fluentes em inglês, apesar de, neste aspecto, Yasmin ser o destaque na turma.

Henrique e Bernard são falantes e não costumam se concentrar nas aulas. Apesar de serem alunos fracos em termos lingüísticos, não se interessam em melhorar. Na maioria das vezes, ambos ficam brincando e conversando sobre outros assuntos durante a aula.

Ana Beatriz, Brenno, Daniele, Gabriela e Raphael são alunos fracos, mas muito esforçados. Estes cinco alunos apresentaram problemas de auto-confiança no tocante ao aprendizado da língua. Entretanto, demonstram interesse em “tirar boas notas” em inglês, apesar de nem sempre alcançarem sucesso.

Thaís e Aline costumavam ter um bom rendimento nas aulas do ano anterior, quando também foram minhas alunas. No ano do presente estudo, contudo, as alunas tiveram uma queda significativa de rendimento em sala. Ambas demonstravam desinteresse e costumavam conversar bastante durante as aulas com outros colegas de sala.

Fernanda é uma aluna fraca e que não demonstra interesse em melhorar.

Mauricio e Marcos são, academicamente, bons alunos, mas nem sempre estão dispostos a participarem da aula.

Barbara costumava apresentar mudanças de humor constantes. Parecia gostar de chamar atenção, falando e rindo alto e, por vezes, até cantando em sala em horas inapropriadas. Em termos acadêmicos, era mediana.

3.3

O material didático

Na época, o material adotado pela escola era o *Activate!* B2 de Elaine Boyd e Mary Stephens da editora Longman, 2008. O livro está dividido em doze unidades, e cada unidade é subdividida em: *Reading, Vocabulary, Grammar, Listening, Speaking, Use your English, Writing* e DVD. O DVD é um material multimídia extra que acompanha o livro e contém vídeos de curta duração de formatos variados sobre o tema da unidade. Ao final de cada unidade, existem atividades no próprio livro do aluno baseadas no DVD. Este livro é o último de uma série de três níveis. Entretanto, os alunos não haviam tido contato com os livros anteriores (*Activate!* B1, *Activate!* B1+), já que este era o primeiro ano que a escola adotava este material.

O livro apresentava características que serviam bem ao interesse da escola em preparar os alunos para fazerem exames internacionais de inglês, como podemos perceber na introdução do material no livro do professor:

Bem-vindos ao *Activate!*. Está é uma série preparatória para exames dividida em três níveis, i.e. B1, B1+ e B2, que foi especialmente projetada para engajar e motivar alunos adolescentes através de seu conteúdo moderno, alegre e apropriado para esta faixa etária. A série *Activate!* oferece não somente uma ampla variedade de tópicos interessantes para manter os adolescentes focados na aprendizagem, como também um divertido DVD para uso dos alunos contendo vídeos curtos e programas de TV atuais que se relacionam com os tópicos das unidades. Além disso, a série *Activate!* também oferece profundo desenvolvimento lingüístico através de variados tipos de exercícios para obtenção de sucesso na preparação para exames.

A série também oferece um livro de exercícios complementar (*workbook*), mas este não foi adotado pela escola.

3.4

Surgimento do *puzzle*: pergunta de pesquisa

Como mencionado no item 2.3 sobre a pesquisa e a sala de aula, Allwright (1993) propõe que o foco da pesquisa do praticante seja um questionamento espontâneo que intrigue tanto alunos quanto professores. Os alunos desta turma de segundo ano, já no meio do primeiro trimestre, começaram a me questionar sobre

o motivo de estarmos aprendendo assuntos gramaticais que, segundo eles, eram repetidos. Chamaram minha atenção também para o fato de estarmos estudando muita gramática e que eles gostariam de aprender “coisas diferentes”. No discurso dos alunos, era comum a frase: “Ah professora, essa matéria de novo?” Por esta razão, eles diziam estar se sentindo desestimulados com as aulas de inglês.

Tais comentários chamaram bastante a minha atenção, em especial porque o material didático utilizado era novo, como mencionado anteriormente, e pelo fato de, ao menos na minha percepção (cf. crenças- seção 2.4), as aulas não se encaixarem no estereótipo negativo de aulas de inglês que duram um ano ensinando o famoso “*verb to be*”. Recordo que na primeira reunião pedagógica do início do ano de 2009 tanto a coordenadora quanto a equipe de professores expressaram certa preocupação com a adoção do material, justamente por acharmos que continha muita matéria nova.

As reclamações vieram de forma mais consistente quando estávamos na unidade 4 do livro, a aproximadamente duas semanas das avaliações do trimestre. Esse questionamento dos alunos sobre estudar assuntos que eram percebidos como repetidos também gerou em mim vários outros. As seguintes perguntas começaram a me instigar:

- 1) Será que estou me preocupando em ensinar somente gramática?
- 2) Por que será que os alunos estão percebendo as aulas como repetitivas?
- 3) Como posso ensinar algo que realmente agregue valor ao conhecimento dos alunos?

Para entender melhor estes questionamentos, meus e de meus alunos, e buscando entendimentos sobre a qualidade de vida da nossa sala de aula, decidi investigar a nossa prática. Para tanto, utilizei-me de uma abordagem naturalista e interpretativista da pesquisa qualitativa seguindo as orientações da Prática Exploratória para fazer um estudo de caso. Além disso, também busquei alicerces teóricos- metodológicos nos estudos de crenças e do cotidiano.

3.5

Sobre os dados

Após ter decidido sobre a abordagem exploratória da investigação, elaborei um trabalho para entendimento inicial de acordo com os meus objetivos. Todo este movimento de questionamento e elaboração de atividades para compreender melhor uma determinada questão resultou em duas APPE que aconteceram no plano pedagógico, onde meus alunos e eu interagimos na busca por entendimentos do nosso cotidiano nas aulas de inglês.

O material discursivo gerado destas APPE representa os dados para análise desta dissertação. A APPE1 (Apêndice 2) foi planejada de maneira que os alunos interagissem em pequenos grupos. De acordo com a proposta da atividade, eles deveriam selecionar o conteúdo do capítulo 4 do livro didático priorizando aqueles tópicos que julgassem ser de maior relevância de acordo com as necessidades deles.

A APPE2 (Apêndice 3) foi planejada de maneira que os alunos trabalhassem individualmente. Adaptei a atividade 3 da página 43 do livro didático (Apêndice 1) para que os alunos escrevessem uma carta para uma pessoa especializada em ajudar outras que estivessem passando por alguma situação difícil. Expliquei para os alunos que eles deveriam escrever pensando nas nossas aulas de inglês, caso eles estivessem passando por alguma dificuldade.

A descrição mais detalhada das atividades e suas respectivas análises encontram-se no capítulo a seguir.